

ESBOÇOS

Revista do Programa de Pós-Graduação em História da UFSC

DOSSIÊ
CENTENÁRIO DO
CONTESTADO

Florianópolis
2012 / 2

ESBOÇOS - Revista do Programa de Pós-Graduação em História da UFSC
Florianópolis, v. 19, n. 28, dez. 2012. Semestral.
ISSN 1414-722x (cessou em 2008) ISSN e 2175-7976

Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em História da UFSC

Eunice Sueli Nodari

Subcoordenador do Programa de Pós-Graduação em História da UFSC

Henrique Espada Rodrigues Lima Filho

Conselho Editorial

Ana Lize Brancher, Artur Cesar Isaia, Cristina Scheibe Wolff, Eunice Sueli Nodari, Henrique Espada Rodrigues Lima Filho, Sílvio Marcus de Souza Correa.

Conselho Consultivo

Antônio Luigi Negro (UFBA); Barbara Weinstein (NYU); Benito Bisso Schmidt (UFRGS); Christinada Silva Roquetti Lopreato (UFU); Cláudio Bertolli filho (UNESP); Cléria Botelhoda Costa (UnB); Edgar Salvadori de Decca (UNICAMP); Élio Cantalício Serpa (UFG); Fernando Teixeira daSilva (Unicamp); Gilmar Arruda (UEL); Horacio Gutiérrez (USP); Iara Lis Franco S. C. de Souza (UNICAMP); Ítalo Arnaldo Tronca (UNICAMP); Izabel Andrade Marson (UNICAMP); Jaime Yaffe (Universidade de la República – Uruguay); Luciene Lemkhul (UFU); Mirta Lobato (UBA – Argentina); Maria Tereza Santos Cunha (UDESC); Márcia Regina Capelari Naxara (UNESP – Franca); Ricardo Muller (Sociologia – UFSC); Rosângela Miranda Cherem (UDESC); Sidnei Munhoz (UEM); Valdir Gregory (UNIOESTE); Vavy Pacheco Borges (UNICAMP).

Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC

Campus Universitário Trindade 88.040-900 Florianópolis SC

e-mail: revistaesbocos@gmail.com - Fone/fax: (48) 3721 9359

www.periodicos.ufsc.br/index.php/esbocos/

Editora: Eunice Sueli Nodari

Organizadores deste número: Márcia Janete Espig, Alexandre de Oliveira Karsburg, Paulo Pinheiro Machado e Delmir José Valentini

Editor de seção: Alexandre Busko Valim

Editor assistente: Marcos Gerhardt

Diagramação: Jovenson Casagrande e Marcos Gerhardt

Imagem da capa: Piquete de vaqueanos, do fotógrafo Claro Jansson

Publicação sem fins lucrativos dirigida aos profissionais e estudantes de História. Tem como objetivos incentivar a publicação de pesquisas e disponibilizar novas temáticas e fontes aos pesquisadores. **O conteúdo e a metodologia empregados nos artigos são de inteira responsabilidade dos autores.**

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – UFSC
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: HISTÓRIA CULTURAL
LINHAS DE PESQUISA E CORPO DOCENTE

1. TRABALHO, SOCIEDADE E CULTURA

Profa. Dra. Beatriz Gallotti Mamigonian
Prof. Dr. Henrique Espada Rodrigues Lima Filho
Prof. Dr. Paulo Pinheiro Machado

2. MIGRAÇÕES, CONSTRUÇÕES SOCIOCULTURAIS E MEIO AMBIENTE

Profa. Dra. Eunice Sueli Nodari
Prof. Dr. João Klug
Prof. Dr. Marcos Fábio Freire Montysuma
Prof. Dr. Silvio Marcus de Souza Correa

3. RELAÇÕES DE PODER E SUBJETIVIDADES

Profa. Dra. Aline Dias da Silveira
Profa. Dra. Ana Lize Brancher
Prof. Dr. Artur Cesar Isaia
Profa. Dra. Cristina Scheibe Wolff
Profa. Dra. Janine Gomes da Silva
Profa. Dra. Joana Maria Pedro
Profa. Dra. Renata Palandri Sigolo Sell
Prof. Dr. Rogério Luiz de Souza
Profa. Dra. Roselane Neckel

4. HISTÓRIA INDÍGENA, ETNOHISTÓRIA E ARQUEOLOGIA

Profa. Dra. Ana Lúcia Vulfe Nötzold
Prof. Dr. Lucas de Melo Reis Bueno
Prof. Dr. Valmir Francisco Muraro

5. SOCIEDADE, POLÍTICA E CULTURA NO MUNDO CONTEMPORÂNEO

Prof. Dr. Adriano Luiz Duarte
Prof. Dr. Alexandre Busko Valim
Prof. Dr. Waldir José Rampinelli

6. ARTE, MEMÓRIA E PATRIMÔNIO

Profa. Dra. Leticia Borges Nedel
Profa. Dra. Maria Bernardete Ramos Flores
Profa. Dra. Maria de Fátima Fontes Piazza

SUMÁRIO

DOSSIÊ CENTENÁRIO DO CONTESTADO

Apresentação

Aspectos históricos e culturais sobre o Centenário do Contestado

Márcia Janete Espig, Alexandre de Oliveira Karsburg, Paulo Pinheiro Machado e Delmir José Valentini 1-12

Heranças materiais de uma guerra: os cemitérios do Contestado, Sul do Brasil

Jaisson Teixeira Lino 13-30

É doce e honroso morrer pela pátria? rituais cívicos e disciplina militar na Guerra do Contestado

Rogério Rosa Rodrigues 31-48

O ataque às estações: um episódio do Contestado através da narrativa de Robert Helling

Márcia Janete Espig 49-67

Do antes ao depois: a influência da *Lumber Company* para a deflagração do movimento sertanejo do Contestado e seu impacto na região fronteira entre Paraná e Santa Catarina

Alexandre Assis Tomporoski 68-87

Discursos e interpretações contemporâneos em torno do profeta São João Maria

Tânia Welter 88-111

Rituais de devoção: dádivas no messianismo do Contestado

Celso Vianna Bezerra de Menezes 112-126

A Guerra do Contestado e a expansão da colonização

Delmir José Valentini, José Carlos Radin 127-150

Movimento dos Monges Barbudos: representações e ressignificações do Monge João Maria como processo identitário da cultura cabocla

Henrique Aniceto Kujawa 151-168

ARTIGOS

O uso da fotografia por artistas brasileiros ao final do século XIX
Camila Dazzi 169-191

A diversidade da cultura fronteiriça a Oeste da província do Rio Grande de São Pedro: o comércio e a paróquia de São Patrício de Itaqui (1850-1870)
Maria Medianeira Padoin, Márcio Adriano de L. Rodrigues 192-207

O debate sobre trabalho escravo, abolicionismo e trabalho livre no Sul de Minas (décadas de 1870-1880)
Marcos Lobato Martins 208-235

Criar a Nação por herdar o Império. Tradição e modernidade no projeto nacional de José Bonifácio
Ana Rosa Clochet da Silva 236-253

Hierarquia e ordem: organização do corpo social português quinhentista em dois espaços distintos
Fábio Eduardo Cressoni 254-271

RESENHA

Sobre a decadência de Santa Catarina
Ricardo Machado 272-275

APRESENTAÇÃO

Aspectos históricos e culturais sobre o Centenário do Contestado Dossiê especial

Márcia Janete Espig
Alexandre de Oliveira Karsburg
Paulo Pinheiro Machado
Delmir José Valentini

Na manhã do dia 22 de outubro de 1912, na localidade do Banhado Grande do Irani, então Município de Palmas, região sob administração paranaense, uma força de mais de 50 soldados do Regimento de Segurança do Paraná entrou em confronto com um grupo de sertanejos seguidores do monge José Maria. A refrega durou menos de 1 hora e resultou em 23 mortos e dezenas de feridos de ambos os lados. Neste combate iniciava-se um conflito que, em diferentes fases e com características próprias, estendeu-se até o início de 1916. A Guerra do Contestado colocou de um lado os “peludos” representados pelos governos (estaduais e federal) os grandes fazendeiros, os representantes da estrada de ferro *Southern Brazil Railway* e da *Lumber and Colonization Company* e, de outro, peões, agregados, tropeiros, ervateiros, médios e pequenos sitiados, que se autodenominaram “pelados”.

O conflito atingiu um grande território do planalto e meio-oeste catarinense, além do sul do Paraná. Durante o ano de 1914 houve a possibilidade de extensão do movimento ao norte do Rio Grande do Sul, mas foi estancada com a resistência da cidade de Lages e a interrupção da ofensiva rebelde, com a morte do comandante Chiquinho Alonso. Certamente os rebeldes possuíam base de apoio no norte rio-grandense, não só pela forte presença de seguidores do monge João Maria, mas pela aberta simpatia de muitos maragatos (federalistas) que, desde 1895, aguardavam por uma desforra contra os pica-paus (republicanos). O movimento do Contestado é, portanto, multifacetado e complexo desde sua origem. Demandas econômicas e sociais, como a luta pela terra e pela emancipação da tutela dos Coronéis, estão presentes junto à

expressão política e cultural da tradição de São João Maria e do federalismo popular. Neste dossiê demonstraremos como a historiografia tem avançado não só na recuperação crítica de fontes, na análise das antigas concepções historiográficas e sociológicas, mas num crescente mergulho na cultura popular, desvendando práticas e seus significados. O entendimento do Contestado é um desafio colocado pela mestiçagem de culturas e tradições políticas, além da própria mestiçagem demográfica, entendida pela presença e mistura de diferentes grupos étnicos.

Durante o ano de 2012, inúmeros foram os eventos, reportagens, livros, filmes, imagens e artigos que lembraram o centenário do movimento ou Guerra do Contestado. Muito além da intenção de comemoração, estes serviram à comunidade acadêmica e à sociedade como espaços de memória, de lembrança, crítica, provocação e protagonismo. Uma efeméride como o centenário de tão importante evento histórico é um momento ímpar, pois proporciona o afloramento não apenas de um conhecimento produzido academicamente, mas também de lembranças produzidas coletivamente, de saberes, histórias, estórias, variadas versões, representações e inclusive de preconceitos e conservadorismos.

Um dos mais importantes eventos realizados durante 2012 foi o *Simpósio do Centenário do Movimento do Contestado: História, Memória, Sociedade e Cultura no Brasil Meridional, 1912 – 2012*. Esse se constituiu em espaço privilegiado de discussão e debate acadêmico sobre o Centenário da Guerra do Contestado e reuniu pesquisadores de inúmeras instituições em três sessões de trabalho. A primeira delas realizou-se na Universidade Federal de Santa Catarina, entre 29 de maio e 1º de junho. A segunda teve por local a Universidade Federal de Pelotas (29 a 31 de agosto) e a terceira ocorreu em Chapecó, na Universidade Federal da Fronteira Sul, de 18 a 22 de outubro. Responsabilizaram-se pela Coordenação destes três eventos os professores Paulo Pinheiro Machado (UFSC), Márcia Janete Espig (UFPEL) e Delmir José Valentini (UFFS). Além das Instituições mencionadas, destacamos a importante contribuição da CAPES, da FAPERGS e do Programa de Pós-Graduação em História da UFSC, para a realização das sessões do Simpósio.

Essas três sessões de um evento nacional serviram para uma reflexão profunda sobre alguns aspectos fundamentais. Um deles foi a definição do “Estado d’ Arte” dos estudos acadêmicos sobre o Contestado e temáticas correlatas. A variedade de Instituições de Ensino Superior representadas nessas três sessões, vinte e sete, e a quantidade e qualidade de trabalhos completos apresentados ao público por sessenta e cinco autores surpreendeu aos próprios organizadores, demonstrando que, hoje, o Contestado não é um tema de pesquisa localizado de forma restrita, mas amplificado nacionalmente. Trata-se de temática de interesse historiográfico, antropológico, sociológico,

folclórico (dentre outros) em todo nosso país e mesmo no exterior. Além disso, as apresentações demonstraram que este assunto encontra-se em sintonia com as problemáticas teóricas e metodológicas mais inovadoras em cada área de conhecimento em que é pesquisado. Portanto, consolidou-se em nosso meio a nacionalização do tema do Contestado, não apenas pela presença e interesse de pesquisadores mais distanciados geograficamente da região em questão, mas porque justamente os temas, as questões e a natureza dos conflitos estudados – como a crítica ao coronelismo, os conflitos de terras, o deslocamento compulsório de populações tradicionais, a presença de uma linguagem tradicional que agregou toda uma resistência a processos de modernização – são aspectos que extrapolam à região em tela e passam a compor um conjunto de experiências mais amplas da população brasileira e latino-americana.

O presente dossiê conta com trabalhos apresentados durante o *Simpósio do Centenário do Movimento do Contestado: História, Memória, Sociedade e Cultura no Brasil Meridional, 1912 – 2012* na sessão realizada na UFSC. Conta, ainda, com artigos apresentados em outros eventos realizados durante o ano, cujos autores foram convidados a participar desta edição especial. Pretende-se, com a seleção de textos realizada para esse dossiê, demonstrar aos leitores especialmente a riqueza historiográfica que hoje atinge os estudos sobre o Contestado. Outros textos deste Simpósio foram publicados no livro “Nem fanáticos, nem jagunços: reflexões sobre o Contestado (1912-2012)”, publicado em 2012 pela Editora da Universidade Federal de Pelotas.

Movimento social de grandes dimensões ocorrido no interior catarinense entre os anos de 1912 a 1916, a Guerra do Contestado mobilizou a sociedade nacional no combate aos chamados “fanáticos”, termo de época carregado de preconceitos e felizmente hoje em desuso. Ocorrido poucos anos após o trauma nacional que representou Canudos, este conflito recebeu fortes contingentes do Exército Nacional e das Forças Públicas dos três estados do Sul do Brasil. Contudo, hoje os estudos sobre a Guerra do Contestado abrangem muito mais do que o lapso temporal do conflito propriamente dito. Estendem-se a temáticas que investigam períodos anteriores ou posteriores, a assuntos que antecederam o conflito (tais como as peregrinações de João Maria e a construção da ferrovia da região) e que o marcaram de alguma forma, bem como a questões posteriores à Guerra (como a colonização europeia tardia da região). Abrangem ainda as devoções, o folclore, as crenças, as personagens históricas envolvidas no conflito, e uma enorme variedade de questões, muitas vezes sugeridas pelo próprio desenvolvimento atual da historiografia.

A própria trajetória dos diferentes indivíduos identificados pela população sertaneja como São João Maria é um importante objeto de estudo, desde a primeira passagem do italiano Giovanni Maria d’Agostini e as distintas concentrações populacionais que ocorreram em seu nome, como em Santa

Maria, RS, entre 1848 e 1849, o Canudinho de Lages, SC, de 1897, o movimento dos Monges do Pinheirinho, em Encantado, RS, em 1902. Há movimentos ligados a esta tradição que acontecem após a Guerra do Contestado, como o movimento de Papudo, em Mafra, SC, 1921, o movimento liderado por Fabrício das Neves e Palhano, em Concórdia, SC, entre 1924 e 1925, o movimento dos Monges Barbudos de Soledade, RS, entre 1935 e 1938 e o movimento dos Alonsos nos vales dos rios Timbó e Tamanduá, em Porto União, SC, em 1942.

Além dos movimentos acima referidos, há centenas de locais de culto e reunião de seguidores da tradição de São João Maria, como “águas santas”, cruzeiros, ermidas, grutas e cemitérios que reclamam não apenas o estudo, mas também a defesa destes patrimônios e territórios.

Hoje, pode-se afirmar convictamente que o objeto de pesquisa Contestado sofreu um incremento numérico e qualitativo impressionante, se comparado a uma ou duas décadas atrás. Isso proporciona um desafio constante aos seus pesquisadores e às novas gerações de alunos. Esse padrão de qualidade acadêmica rende frutos, pois proporciona o avanço do conhecimento, que é o objetivo permanente de todo trabalho historiográfico.

Os frutos, porém, não são apenas acadêmicos. E aqui apontamos outras reflexões proporcionadas pelo evento supracitado, além de outros semelhantes. A efeméride do Centenário do Contestado também atingiu a sociedade. Contribuiu para tanto a mídia, nos seus mais diversos formatos, levando ao repensar de certa memória social sobre a Guerra. Questionamentos sobre o papel do Exército durante a Campanha, sobre as ações repressivas após o término do conflito ou sobre a situação de pobreza de locais situados geograficamente na região do conflito fizeram parte das discussões suscitadas pelo Centenário. A preservação dos acervos referentes ao conflito, bem como dos locais de devoção, patrimônios materiais e imateriais, foram aspectos que se materializaram durante debates acadêmicos e não acadêmicos. A atenção das Instituições Públicas foi chamada a tais assuntos. Buscando relacionar as pesquisas históricas às vicissitudes enfrentadas pela população da região do antigo Contestado, os pesquisadores reunidos pelo *Simpósio do Centenário* redigiram a *Carta do Irani*, simbolicamente lançada no dia em que se lembrava do Centenário do Movimento, 22/10/2012, no próprio município do Irani. Essa carta, difundida através de meios impressos e virtuais, veio alertar ao poder público para a necessidade da implantação de políticas públicas para a população remanescente do conflito, além de registrar a urgência da defesa da preservação de locais de memória e devoção, bem como dos acervos documentais variados que se encontram na região ou fora dela.

Compartilhamos aqui com os leitores parte da reflexão teórica e acadêmica realizada por ocasião do Centenário. Convidamos a todos e todas para que, ao ler tais textos, percebam que as reflexões sobre nosso passado

histórico têm muito a nos dizer sobre o tempo atual. Sobre luta, resistências, preconceitos e memórias que se espalham em nossa sociedade.

O artigo do professor Jaisson Teixeira Lino (UFFS), valendo-se de uma perspectiva histórica e arqueológica, estuda os cemitérios existentes na região do Contestado e que possuem relação com aquele conflito. Através de sólida discussão historiográfica e interessantes elementos de pesquisa de campo arqueológica, o autor elabora uma importante análise sobre as inumações e exumações ocorridas antes, durante e após a Guerra do Contestado. Citando e detalhando vários dos cemitérios da região relacionados ao conflito, proporciona ao leitor uma reflexão qualitativa sobre esse importante aspecto da história regional.

O artigo intitulado “É doce e honroso morrer pela pátria? Rituais cívicos e disciplina militar na Guerra do Contestado”, de autoria de Rogério Rosa Rodrigues, professor da UDESC, destaca-se por realizar uma criteriosa revisão bibliográfica agregada a uma competente análise de fontes documentais, notadamente as Ordens do Dia apresentadas pelo comando militar na região. Em um primeiro momento do texto, o autor analisa a constituição da Santa Religião, no interior do Movimento do Contestado, ressaltando a organização social e militar dos sertanejos, bem como as práticas mágico-religiosas existentes (tais como o uso de orações, “vivas” a São João Maria, dentre outros). A seguir, analisa com grande perspicácia a utilização das Ordens do Dia pelo comando militar como discurso de ordem nacionalista e patriótica, no qual se inserem religiosamente elementos de ordem cívica, aproximando os soldados a uma espécie de sacrifício em nome do deus Pátria. Ressalta-se, portanto, o significado alcançado pela Guerra do Contestado na realização de um certo projeto de modernização militar levado a cabo durante a Primeira República.

Márcia Janete Espig analisa um raro documento, as memórias do imigrante alemão Robert Helling que trabalhou na construção da Estrada de Ferro São Paulo – Rio Grande e testemunhou o ataque às estações da estrada pelos rebeldes no segundo semestre de 1914, particularmente dos ataques às estações de São João e Calmon, episódios extremamente violentos da Guerra do Contestado. Neste texto, publicado na Alemanha em 1931, a autora analisa a conjuntura de expansão rebelde e os primeiros escritos sobre a ferocidade e o “fanatismo” dos atacantes. Na análise do documento de memória Márcia decompõe determinados significados construídos *a posteriori*, mas ressalta a originalidade e riqueza desta fonte, pois não se tratava de um imigrante recém-chegado, mas de um trabalhador da estrada de ferro que vivia há três décadas no Brasil, muito familiarizado com os costumes dos sertanejos.

A atuação da *Southern Brazil Lumber and Colonization Company* na região de Três Barras, é o objeto de estudo do artigo do professor da Universidade do Contestado, o historiador Alexandre Assis Tomporoski. O autor divide o

artigo em três diferentes momentos. Primeiramente, analisa a materialidade da existência e a sociabilidade dos sertanejos no período anterior à penetração de forças capitalistas na região, através de práticas como o *pixirum*, processo de trabalho coletivo e gerador de solidariedade. Em um segundo momento, o autor destaca o advento das empresas estrangeiras na região e a abrupta mudança no estilo de vida das populações locais, representada pela introdução da Estrada de Ferro São Paulo – Rio Grande e pela implantação das serrarias pertencentes à *Southern Brazil Lumber and Colonization Company*, empresa subsidiária da *Brazil Railway Company*. Em uma terceira parte do artigo, Tomporoski estuda o período pós guerra, quando parte dos remanescentes torna-se operário nas serrarias, desenvolvendo greves nos anos de 1917 e 1919. Acredita o autor que exista uma relação de continuidade na resistência desenvolvida durante e após o movimento por parte dos trabalhadores.

O artigo da antropóloga Tânia Welter, da Universidade Federal da Fronteira Sul, é o resultado de relevante pesquisa sobre as práticas dos “joaninos”, os seguidores atuais do monge João Maria. Espalhados por centenas de municípios do planalto meridional, os joaninos mantêm uma série de práticas de cura e reproduzem os ensinamentos dos monges, mantidos vivos mesmo para gerações recentes. O artigo também rediscute o mundo simbólico destas populações e suas relações com os espaços sagrados, como cruzeiros e águas santas. Muito além de sobrevivências na memória de idosos, os joaninos são um grupo vivo e atuante com suas próprias concepções no mundo atual.

O artigo do antropólogo Celso Bezerra de Menezes, da Universidade Estadual de Londrina, faz uma original análise das práticas e rituais correntes entre devotos de João Maria nas grutas, ermidas e demais pontos de culto encontrados em Santa Catarina e no Paraná. O autor analisa os textos de preces, pedidos e agradecimentos, refletindo sobre todo um conjunto de significados simbólicos e sociais criados e recriados pelas populações sertanejas e de como estes rituais são vivenciados como práticas de transformação do mundo e das suas vidas.

O artigo dos professores José Carlos Radin e Delmir José Valentini trata do estudo das representações depreciativas construídas contra os habitantes tradicionais do planalto, os caboclos e indígenas, e de como o conflito acentuou o discurso dos órgãos do Estado, da imprensa e vários setores ligados ao poder, em favor de um projeto de substituição da população existente por uma colonização com europeus e seus descendentes. Ao longo do texto estas reflexões são apoiadas em fontes governamentais, na imprensa e nos escritos dos militares que participaram da guerra.

Por fim, o artigo de Henrique Aniceto Kujawa, da Universidade de Passo Fundo, analisa o movimento dos Monges Barbudos da Coloninha, localidade do Município de Soledade, no planalto do Rio Grande do Sul. Ali, entre os anos de

1935 e 1938 organizou-se uma nova concentração camponesa, tendo como pano de fundo mais uma passagem do monge João Maria. Kujawa analisa aspectos importantes da identidade da população cabocla do planalto rio-grandense que foram ressignificados com a experiência dos Monges Barbudos.

Esperamos que este dossiê cumpra com os seus objetivos de dar uma mostra representativa da mais recente produção historiográfica sobre o movimento do Contestado e todos os temas correlatos.

Os organizadores